

# *No rastro do ñandú, sob as patas do centauro: Vestígios dos povos indígenas da pampa gaúcha*

*On the trails of ñandú, under the paws of the centauro: traces of indigenous folk of pampa gaúcha*

Nidiane Saldanha Perdomo<sup>1</sup>

**Resumo:** O apagamento e etnocídio (Angatu, 2019) causaram o desaparecimento dos coletivos Charrua e Minuano da pampa gaúcha. Com o branqueamento implementado por Portugal e Espanha (Santos, 2018) e a formação da identidade baseada em lacunas de informação, histórias de raptos e silêncios estratégicos (Bracco, 2020), a população constituiu-se cultuando tradições expropriadas e negando a memória indígena. A folclorização capitalizou e desconfigurou o indígena, batizado como gaúcho: cidadão pobre em terra alheia. As mulheres indígenas sofreram uma violência duplicada, pois seus corpos, assim como a terra, eram riquezas a serem dominadas pelos colonizadores (Segato, 2018). A cultura desses povos pode ser recuperada pela etnoastronomia, que estuda como suas histórias revelam o conhecimento das constelações empregado durante seus deslocamentos e manejo territorial. O que esses povos viam no céu representava o que havia sobre a terra (Afonso, 2006) como no caso da “*caza ao ñandú*”, relatado pelo povo Moqoit da Argentina (Gimenez; López; Granada, 2002) e (López, 2018). O ñandú ou *Rhea americana*, perdeu espaço nos campos como “*especie etnobiologica clave*” (Rosso; Medrano, 2016) para o cavalo, elemento estrangeiro que compõe o “centauro da pampa” (Zalla, 2010), símbolo da cultura enxertada do gaúcho.

**Palavras-chave:** etnocídio; apagamento; Pampa; etnoastronomia; *Ñandú*.

**Abstract:** The erasing and ethnocide (Angatu, 2019) caused the disappearance of Charrua and Minuano collectives of the pampa gaúcha. The racial whitening implemented by Portugal and Spain (Santos, 2018) and formation of an identity based in information gaps, stories of rapture

---

<sup>1</sup>Bacharela em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015). Bolsista PROBIC FAPERGS-UFRGS do grupo de pesquisa Letras e Vozes dos Lugares coordenado pela professora Dra. Ana Lúcia Tettamanzy. Contato: nidianeperdomo@gmail.com.

and strategic silences (Bracco, 2020), the population constituted itself worshipping expropriated traditions and denying indigenous memories. The folklorization capitalized and unconfigured the indigenous people, baptized as gaúcho: poor citizen in lands owned by others. The indigenous women suffered a double violence, because their bodies, as the land, were treasure to be dominated by the settlers (Segato, 2018). The culture of these tribes can be recovered by the ethnoastronomy that studies how the stories reveal the knowledge of the constellations used for locomotion and territorial management. What this people saw on the sky represented what was on the ground (Afonso, 2006) as in the case of "*caza ao ñandú*", reported by Moqoit tribe of Argentina (Gimenez; López; Granada, 2002) and (López, 2018). The *ñandú* or *Rhea americana*, lost its space in the fields as "*especie etnobiologica clave*" (Rosso; Medrano, 2016) for the horse, foreign element that composes the "*centauro da pampa*" (Zalla, 2010), symbol of the ingrafted culture of the gaúcho.

**Keywords:** ethnocide; erasement; pampa; ethnoastronomy; *Ñandú*.

Boitató, Londrina, 2023  
Recebido em: 21/11/2023  
Aceito em: 22/01/2024



## No rastro do *ñandú*, sob as patas do centauro: Vestígios dos povos indígenas da pampa gaúcha

Nidiane Saldanha Perdomo

### Roubo, rapto, assimilação

Para entender o caso dos povos indígenas na região da pampa no Estado do Rio Grande do Sul, precisamos buscar os rastros de povos que hoje não existem mais como coletivo nessa região<sup>2</sup> e entender que a pesquisa cruza fronteiras políticas e é transdisciplinar, dada a importância da participação desses povos na formação da região de todo o bioma pampa, que compreende áreas no Brasil, Uruguai e Argentina. Segundo Tettamanzy e Pritsch (2018), ao longo do período colonial o Estado não figurava no mapa do Brasil devido à sua incorporação tardia e, após as alternâncias entre coroas, permaneceu compartilhando características que o assemelham mais aos países da fronteira hispanohablante: “[...] os diferentes povos indígenas consistem, assim, em fatores de inclusão e pertencimento a uma outra cartografia da América” (Tettamanzy; Pritsch, 2018, p. 93). Por isso também apontam que a busca por essas fontes literárias tem que se dar nos relatos de jesuítas e naturalistas, muitos deles em língua espanhola. A investigação se estende por essas fontes que permeiam o contexto da época, na qual se deu a formação do Estado. É necessário mobilizar conhecimentos de geografia, biologia, astronomia e literatura oral na busca por vestígios que revelem a presença escamoteada<sup>3</sup> dos indígenas naquele período em que a invasão ibérica e a disputa pelos campos de pastagens cortaram a história do sul do país. Por causa do etnocídio e do apagamento que foi imposto à cultura e à língua de povos pampeanos como os Charrua e os Minuano, a retomada da identidade indígena pelos descendentes é parte importante do combate à apropriação de seus costumes e saberes. A Cacica Acuab, da Aldeia Charrua Polidoro, nos diz:

O gaúcho do Rio Grande do Sul deve reconhecer todas as características que têm do meu povo Charrua. Ele usa boleadeira, bota, chiripá, facão de lado, churrasco, cavalo. Quase 100% da cultura do gaúcho vêm do meu povo Charrua. O que não vem do povo Charrua é a bombacha, a camisa, o chapéu que é do espanhol. Por isso devia apoiar o povo Charrua. Ao mesmo tempo, eu devo agradecer o gaúcho por não ter deixado essa cultura ter caído no esquecimento ou nas mãos dos estrangeiros (Acuab; Victora; Leite, 2013, p. 221).

<sup>2</sup>A aldeia Charrua Polidoro se localiza na cidade de Porto Alegre e, na época de sua demarcação, era a única aldeia Charrua do Mercosul (Acuab; Victora; Leite, 2013). Existem no Estado mais três etnias de povos indígenas: Mbyá Guarani, Kaingang e Laklãnõ/Xokleng.

<sup>3</sup> Escondida, desaparecida através de rodeios ou subterfúgios.



“Assimilação” e “civilização” são modos de branqueamento que fazem parte do etnocídio que sofrem os povos indígenas no Brasil há 523 anos, segundo Casé Angatu, do povo Tupinambá, que também foi erroneamente apontado como extinto e continua lutando para ser reconhecido até os dias de hoje

São exemplares na procura de concretizar o etnocídio as tentativas de: catequização e evangelização; “integração e assimilação” à “sociedade” e “desenvolvimento” nacional. Ao mesmo tempo, historicamente contra as populações originárias que não aceitam essas ações ocorrem as chamadas “guerras justas” marcadas por um processo secular de criminalizações e violências. Essas ações acontecem de forma velada e mesmo autorizadas pelo Estado e sua justiça, desde a coroa portuguesa até a atualidade (Angatu, 2019, p. 235).

O etnocídio, para além do genocídio que mata os corpos, impede que a cultura e os saberes que compõem o modo de vida desses povos sejam repassados às novas gerações, até que os descendentes já não (re)conheçam sua própria história. O preconceito contra as línguas originárias, as crenças espirituais e a ligação com a terra contribuíram para que gerações de indígenas silenciassem sobre sua origem e abandonassem as práticas tradicionais, muitas vezes como estratégia de sobrevivência. Quantas cidades na região da pampa não são formadas por descendentes desses povos e por causa desse etnocídio desconhecem sua ancestralidade? Quantas pessoas não vivem de modo muito similar a seus antepassados indígenas sem saber a verdadeira raiz de sua cultura?

A pampa, termo de origem indígena que vem da língua quíchua e que significa “território plano” (Golin, 2001), era esse espaço geográfico que hoje está separado pela fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina, mas que já foi território habitado por povos como os Minuano e Charrua, de característica nômade e espírito livre, assim como o “vento Minuano” – como se costuma chamar o vento polar e cortante que corre na região durante o inverno. Esses povos foram atingidos em seu modo de vida pelas diversas intervenções provocadas pela colonização, que em disputa entre as coroas ibéricas impunha tratados e desenhava linhas imaginárias que resultaram em morte e destruição real para os Charrua. De acordo com Santos (2018, p. 88)

[...] o confronto entre as forças expansivas de colonização espanhola e portuguesa na disputa pela bacia platina, somente apaziguado no limiar do século XIX, promoveu seu genocídio. Porém, é desta matriz indígena de cavaleiros e arreadores de gado, que nascem muitos elementos formadores do gaúcho enquanto homem do campo, das técnicas de doma do gado xucro com o uso da boleadeira, até as visões de mundo na relação entre homens, campo e gado. Elementos que a posteriori da colonização, a colonialidade tenta subordinar e ocultar.

A invasão dos colonizadores trouxe, além de doenças e morte, a proibição da circulação dos povos no seu território, impedindo a movimentação característica do seu modo de vida. A fuga, a separação dos grupos e a assimilação de seus membros à sociedade colonial recém-formada causou uma fratura na propagação de seus costumes e saberes. Forçados a integrar-se em uma sociedade branca, monoteísta e majoritariamente militar, como eram as estâncias a quem davam posse de terra os reis do outro lado do oceano, a negação da



ancestralidade indígena era um modo de resistir como indivíduo. Assumindo a identidade de trabalhador campeiro, evitavam preconceitos e possibilitavam a sua inserção.

Assim, os descendentes desses indígenas que sobreviveram ao assassinato nas guerras de conquista, às caçadas dos bandeirantes paulistas e à precariedade da vida como trabalhador braçal herdaram uma identidade segmentada, que, apesar de manter traços e costumes de raiz originária, está repleta de lacunas de informação. Seus pertencimentos étnicos são omitidos em registros civis, já que eram batizados com nomes cristãos europeus e “ganhavam” sobrenomes que podiam tanto ser inventados, como vir do dono de escravos que os comprara como mercadoria ou despojo de guerras. Muitos descendentes também são filhos de uniões impostas através de violações, raptos e casamentos forçados com os colonizadores (Bracco, 2020).

De acordo com Bracco (2020), nessa região as nações indígenas desapareceram como tal na década de 1830, em grande parte em decorrência dos raptos, na maioria de mulheres, mas também de crianças. A prática era tão comum e eficiente que foi documentada por religiosos e militares:

El rapto, combinado con otras modalidades de dominación, desempeñó un rol fundamental en la propia supervivencia de la empresa conquistadora y colonizadora en la región. De acuerdo a lo que expresó el clérigo Martín González en 1556, “querer contar e enumerar las indias que al presente cada uno tiene es imposible, pero parece que hay cristianos que tienen a ochenta y a cien indias”. Sus descendientes, los “mancebos de la tierra” fueron cerca del 90% de los que, una generación después, “abrieron puertas” a la aislada Asunción, fundando Santa Fe (1573), Corrientes (1585 - 1588) y volviendo a fundar Buenos Aires en 1580 (Ruiz Guiñazú, 1915 *apud* Bracco, 2020, p. 384).<sup>4</sup>

As mulheres, no ambiente de guerra, eram alvo entre as diferentes tribos de “*infielles*”, como os padres chamavam os indígenas que não aderiram ao projeto missionário. Quando havia capturas dessas indígenas, elas eram enviadas para as missões, porque desse modo seriam separadas e poderiam então ser convertidas. Segundo Bracco, a resistência dessas mulheres motivou tentativas de suicídio e até mesmo de assassinato de crianças “de colo”: “También se advirtió que las indias mataron porción de niños de pechos por no ser descubiertas en el monte por los que lo registraban, en caso de llorar<sup>5</sup>” (Bracco, 2020, p. 386). Podemos imaginar que por se tratar de crianças que não caminhavam e, portanto, dependiam das mães, essas escolheram a morte não para evitar que seu choro fizesse com que fossem encontradas, mas para evitar que fossem raptadas, caindo no domínio dos colonizadores. As muitas indígenas que não conseguiam escapar podiam acabar como escravizadas: “La

<sup>4</sup> O rapto, combinado com outras modalidades de dominação, desempenhou um papel fundamental na própria sobrevivência da empresa conquistadora e colonizadora na região. De acordo com o que expressou o clérigo Martín González em 1556, “querer contar e enumerar as índias que atualmente cada um tem é impossível, no entanto parece que há cristãos que têm de oitenta a cem índias”. Seus descendentes, os “moços da terra” foram cerca de 90% dos que, uma geração depois, “abriram portas” para a isolada Asunción, fundando Santa Fé (1573), Corrientes (1585 - 1588) e voltaram para fundar Buenos Aires em 1580 (Ruiz Guiñazú, 1915 *apud* Bracco, 2020, p. 384, tradução nossa).

<sup>5</sup> Também foi informado que as índias mataram uma porção de crianças de colo para não serem descobertas no monte pelos que fizeram o registro, caso chorassem” (Bracco, 2020, p. 386, tradução nossa).



Reclusión de la Casa de Residencia recibía a los indígenas que habían sido hechos prisioneros en las campañas militares. Enseguida de su arribo, la institución se encargaba de hacer publicidad en la ciudad y ofrecerlos para el servicio doméstico<sup>6</sup> (Bracco, 2020, p. 386).

E mesmo as que resistiram e ainda se mantinham junto do seu povo estavam condenadas ao destino que se abateria sobre as pampeanas, já que todas as aldeias, desse ou daquele lado da fronteira, acabaram dizimadas em algum momento da história da colonização:

[...] en la campaña se [...] compilaron sobre tres mil hombres portugueses y españoles [...] sólo faltaban mujeres suficientes a satisfacer la desenfrenada lascivia en aquel congreso de hombres abandonados, mas luego las descubrieron, acometiendo a las naciones gentiles, charrúa y [guenoa] minuán. [...] Ellos, armados, se arrojaron sobre los indefensos atoldamientos de los gentiles, para quitarles sus mujeres<sup>7</sup> (Bracco, 2020, p. 386).

Antes da chegada dos europeus, os pampeanos viviam em grupos em que se organizavam social e culturalmente. Grupos que sabiam se deslocar pelos campos abertos, selecionar frutos comestíveis, cercar a caça na planície, encontrar água fresca para os dias quentes e abrigo do frio inclemente que vinha com o vento polar que atravessa o horizonte plano para cortar a pele e enrijecer os ossos. Adaptados a esse ambiente e sabendo se relacionar com a natureza, os indígenas cruzaram o território e o tempo. Foram cerceados com a chegada do colonizador, que riscou linhas imaginárias, implementou fronteiras políticas, trouxe cercas e com elas o conceito de “dono da terra”. Os autodeclarados proprietários da pampa, contudo, não conheciam suas particularidades. Não tinham a sabedoria nem as ciências adquiridas pela vivência em partilha com os seres humanos e não humanos daqueles espaços, mas compensavam com o metal utilizado nos rifles ou com os papéis das escrituras com que matavam e compravam quase tudo, de gente a pedaços de campo.

Os autodeclarados donos da terra impuseram a morte e a separação dos povos pampeanos. Destes, alguns empreenderam fugas para terras distantes, onde futuramente se formariam outras nações autodeclaradas que viriam a lhes chamar de estrangeiros, párias e indesejados. Alguns se dispersaram. Parte deles feitos prisioneiros, outros tantos separados ainda crianças de suas famílias. As mulheres, nesse cenário, sofreram uma violência duplamente mais intensa

Obvias son las terribles circunstancias a las que esas cautivas quedaron sometidas; además es evidente el perjuicio demográfico que sufrieron los derrotados. Tal

---

<sup>6</sup> A Reclusão da Casa de Residência recebia os indígenas que haviam sido feitos prisioneiros nas campanhas militares. Assim que chegavam, a instituição se encarregava de fazer publicidade na cidade e oferecê-los para o serviço doméstico (Bracco, 2020, p. 386, tradução nossa).

<sup>7</sup> [...] na campanha se [...] acumularam mais de três mil homens portugueses e espanhóis [...] só faltavam mulheres suficientes para satisfazer a desenfreada lascívia naquele congreso de homens abandonados, mas logo as descobriram, acometendo às nações de gentios, charrúa e [guenoa] minuano. [...] Eles, armados, se lançaram sobre as indefesas toldarias de gentios, para tomar-lhes suas mulheres (Bracco, 2020, p. 386, tradução nossa).



perjuicio, a su vez, se tradujo en ventajas de ese mismo signo para la sociedad que se apropió de esas mujeres y niños<sup>8</sup> (Bracco, 2020, p. 385).

As mulheres, carregando seu corpo-território (Segato, 2018), eram alvo de dominação porque representavam a subjugação material e simbólica do oponente. De acordo com a antropóloga argentina Rita Segato (2018), a conquista da mulher implica a derrota do inimigo, que se prova fraco por não poder protegê-la e não poder perpetuar sua linhagem através de seu ventre. A violação do corpo-território representa o corte na raiz da cultura antagônica, pois ela não mais passará para as futuras gerações os saberes dos cultivos, as canções e o idioma. O rapto e estupro representam a genealogia do vencedor nascendo do sangue e da dor da terra originária, porque as mulheres indígenas perderam também a identidade e a liberdade de viver em seus próprios corpos.

Assim se formou o Rio Grande do Sul: em estâncias ocupadas por europeus que ganharam lotes de sesmarias, com a função de povoar e proteger o território dos gaúchos<sup>9</sup> ladrões de gado e dos invasores que serviam a coroa adversária. Esses donos da terra não sabiam como viver na região. Eles contavam com a experiência dos homens livres pobres que cruzavam os campos a cavalo, que conheciam o território e detinham saberes que serviam para a captura do gado que crescia solto pelos matos, desde seu abandono pelos jesuítas missionários no fracasso das missões do Tape (Golin, 2001).

Para além da terra, o europeu ganharia o direito sobre tudo que se desenvolveria em decorrência da exploração da natureza da região. Os hábitos, o dialeto, a vestimenta, as formas de conviver com o campo, de caçar e de manejar os animais, as comidas e o mate, tudo isso seria depositado na figura do gaúcho, o elemento mestiço que seria o produto perfeito e brasileiro (enquanto não etnicizado) para povoar aquelas terras de fronteira. A identidade é tirada de uns e depositada na aposta de um terceiro, que é bem visto porque cumpre seu propósito de ser útil para a nova sociedade gestada pelo capital. O gaúcho é a alcunha do trabalhador do campo, que ganha essa identidade ao mesmo tempo que se cria a folclorização das suas particularidades

Toda uma série de elementos pitorescos que se tornam signos da identidade regional e de um *ethos* sul-rio-grandense, de um modo de ser gaúcho que reverencia o conhecido modelo romântico do “centauro da Pampa” e se torna matriz do tradicionalismo organizado (Zalla, 2010, p. 21-22).

Esse gaúcho retratado na arte, na música, em verso e prosa, é o indígena travestido, escamoteado, enterrado: “O tatu, como música e poema, pode representar não o gaúcho pobre, desprovido de toda a “monarquia”, mas, para nós, também aquilo que está por debaixo, que não é visto: as origens indígenas do Rio Grande do Sul” (Tettamanzy; Pritsch, 2018, p. 95).

---

<sup>8</sup> São óbvias as terríveis circunstâncias a que essas cativas foram submetidas; além disso é evidente o prejuízo demográfico que sofreram os derrotados. Esse prejuízo, por sua vez, se traduziu em vantagens da mesma natureza para a sociedade que se apropriou dessas mulheres e crianças (Bracco, 2020, p. 385, tradução nossa).

<sup>9</sup> É necessário apontar a mudança de sentido pelo qual passou a alcunha gaúcho, segundo Zalla (2010), que denominava o ladrão, bandido, homem perigoso que andava só e não se apegava a nenhum lugar (e hoje podemos vislumbrar os motivos), para o gaúcho como sinônimo de peão, trabalhador rural, que também deu origem mais tarde ao gentílico do Estado do Rio Grande do Sul.



Uma alegoria prestigiosa, feita sob medida para incorporar a cultura indígena ao assimilá-la, mas não sem antes passar pelo processo alvejante da miscigenação com o colonizador europeu.

**Figura 1** – O gaúcho como produto final da representação dos filhos da terra



Fonte: (Locatelli, 1953).

### **Assim no céu como na terra: a visão do cosmos como saber originário**

O estudo das constelações é familiar na cultura ocidental de longa data e há avanços tecnológicos que permitem acessar o passado e o futuro em imagens de galáxias distantes e buracos negros nunca antes vistos pelo olho humano. A mitologia greco-latina está presente na forma de nomear as estrelas do hemisfério norte, criando uma referência que é tida como





“universal”, modo característico que tende a ocorrer com a epistemologia eurocêntrica dominante.

O céu da pampa é bastante distinto do céu da antiguidade clássica. O físico Germano Afonso (2006) estudou os mitos e as constelações dos povos tupi-guarani do Brasil. Segundo o pesquisador, a observação do céu orientava o momento de plantar, indicava o início do ano, o período chuvoso, a passagem das horas e o movimento das marés. Os Guarani contam histórias sobre o “Caminho da Anta” (que conhecemos como a Via Láctea), as fases da lua, fenômenos como eclipses e cometas e identificam as constelações do homem-velho, das plêiades e da ema

A União Astronômica Internacional (UAI) utiliza um total de 88 constelações, distribuídas nos dois hemisférios terrestres, enquanto certos grupos indígenas já nos mostraram mais de 100 constelações, vistas de sua região de observação. Quando indagados sobre quantas constelações existem, os pajés dizem que tudo que existe no céu existe também na Terra, que nada mais seria do que uma cópia imperfeita do céu (Afonso, 2006).

Se o que há no céu existe na terra, mas de outro modo, podemos perceber a importância da presença da ema (*Rhea americana*) na vida dos povos indígenas. Segundo Afonso (2006), havia semelhanças entre os relatos dos Tupinambá e dos Guarani: “Na segunda quinzena de junho, quando a ema (*Guyra Nhandu*) surge em sua totalidade ao anoitecer, no lado leste, indica o início do inverno para os índios do sul do Brasil e o início da estação seca para os do norte” (Afonso, 2006). O mito Guarani conta que é a constelação do Cruzeiro do Sul que segura a cabeça da ema e impede que ela abaixe o bico e beba “toda a água da terra”, causando seca e fome.

A etnoastronomia estuda a visão dos povos originários sobre o cosmos e como essa visão representa as diversas culturas. As pesquisas recolhem relatos de povos sobre as constelações, os astros e como essas histórias se relacionam com o modo de vida, o território e as crenças. A etnoastronomia investiga a forma como os povos se movimentam e experimentam o território porque suas narrativas sobre o céu refletem esse modo de caminhar.

No se trata tan sólo del estudio de las construcciones teóricas explícitas sobre el cosmos. Tampoco se trata del abordaje de los impactos de éstas sobre las representaciones que un grupo humano construye sobre lo celeste. Lo que nos interesa es comprender cómo el cosmos es parte de la carne desde la que se construyen la cultura y la sociedad<sup>10</sup> (López, 2013, p. 121).

Alejandro López (2013, 2018) pesquisa a etnoastronomia do povo Moqoit (ou Mocoví) na região do *chaco* argentino. Os Moqoit pertencem à família linguística guaicuru (López, 2013) da qual também faziam parte os povos Charrua e Minuano (Golin, 2001). Os

---

<sup>10</sup> Não se trata apenas do estudo das construções teóricas explícitas sobre o cosmos. Nem apenas da abordagem dos impactos destas sobre as representações que um grupo humano constrói sobre a temática celeste. No que estamos interessados é em compreender como o cosmos é parte da carne de que constroem a cultura e a sociedade (López, 2013, p. 12, tradução nossa).



Moqoit detêm saberes e crenças sobre uma complexa rede de relações entre os seres que habitavam o *piguim* (céu), os animais e os humanos e não-humanos que tinham capacidades especiais que lhes permitiam interagir nesse espaço do cosmos. Para o povo Moqoit

*El piguim* es un mundo simultáneamente similar y diferente al que habitan los seres humanos. Por una parte, se suele mencionar que “todo lo que hay abajo, hay arriba”, es decir, que en *piguim* están presentes de igual modo todas las cosas y especies de la tierra. Del mismo modo, los habitantes del cielo conforman una sociedad humana con el mismo tipo de vínculos que los moqoit tienen entre sí<sup>11</sup> (López, 2013, p. 109).

Nessas relações se destaca a importância do relato da caçada ao *ñandú* (*Rhea americana*). Segundo Gimenez, López e Granada (2002) o *mañik del ñandú* havia escapado do inframundo e estava devorando as pessoas do povo Moqoit, um a um. O *mañik* é o “dono” de uma espécie animal, como um mestre ontológico, que pode tanto ter a forma do animal ou se apresentar com a aparência de um monstro ou de um ser serpentiforme. Para evitar que o povo desaparecesse, um dos poderosos ancestrais dos Moqoit que podia transitar entre o céu e a terra, o avô ou *el abuelo*, organiza uma caçada ao *mañik* com a ajuda de outros caçadores Moqoit. Eles o perseguem por toda a terra, cantando canções e fumando *pa'a*, que é um tipo de tabaco usado pelos *pi'xonaq* (homens poderosos) e conseguem encurralá-lo. O *abuelo* então consegue atrair o *mañik* para *el árbol del cielo* (árvore do céu) e o força a subir por ela até o *piguim*, onde ele se mantém preso sob a guarda de dois perros (cães) e não pode mais devorar os Moqoit. No *piguim* da pampa, se vê

*El Mañik Lacteal*: corresponde a una extensa zona del cielo, y a un grupo de “asterismos” característicos de América: los asterismos “negativos”, formados por zonas oscuras de la Vía Láctea. En este caso la cabeza del *Mañik* se identifica con el Saco de Carbón, el cuello (*cosot*) es una serie de zonas oscuras de la Vía Láctea, el pecho (*lotogue*) es una zona oscura cercana a Escorpio, como así también las piernas (*yagram*). Resulta, en una noche oscura y una vez que se lo identifica, muy notable y evidente, siendo en ese sentido un ejemplo de un asterismo altamente “figurativo” entre los mocovíes. En este caso los perros, que siguen identificándose con  $\alpha$  y  $\beta$  *Centauri*, están mordiendo el cuello del *Mañik*<sup>12</sup> (Gimenez; López; Granada, 2002).

*El abuelo* é representado no *piguim* por uma das estrelas da constelação das plêiades.

<sup>11</sup> O *piguim* é um mundo simultaneamente similar e diferente do habitado pelos seres humanos. Por outro lado, se costuma mencionar que “tudo o que há abaixo, há acima”, quer dizer, que no *piguim* estão presentes de igual modo todas as coisas e espécies da terra. Do mesmo modo, os habitantes do céu conformam uma sociedade humana com o mesmo tipo de vínculos que os moqoit têm entre si (López, 2013, p. 109, tradução nossa).

<sup>12</sup> O *Mañik Lacteal*: corresponde a uma extensa zona do céu e a um grupo de “asterismos” característicos da América: os asterismos “negativos”, formados por zonas obscuras da Via Láctea. Neste caso, a cabeça do *Mañik* é formada pelo Saco de Carvão, o pescoço (*cosot*) por uma série de zonas obscuras da Via Láctea, o peito (*lotogue*) é uma zona obscura próxima a Escorpião, assim como as pernas (*yagram*). Assim que, quando o identificamos em uma noite escura, se faz notável e evidente, sendo nesse sentido um exemplo de um asterismo altamente “figurativo” entre os mocovíes. Neste caso, os cães, que são identificados com  $\alpha$  y  $\beta$  *Centauri*, estão mordendo o pescoço do *Mañik* (Gimenez; López; Granada, 2002, tradução nossa).



**Figura 2** – Visão da Via Láctea



Fonte: (Bouvier, 2020).

### **Arqueologia literária em busca do passado indígena**

Em um estudo etnobiológico de Rosso e Medrano em 2016, o *ñandu* ou ema (*Rhea americana*) foi considerado uma “*especie etnobiologica clave*” para a região do *chaco* argentino, devido à sua ligação com os povos indígenas. Espécie autóctone, a ema era utilizada como fonte de alimento e medicina, e de suas plumas, que até foram utilizadas como moeda de troca com os espanhóis, eram produzidos ornamentos diversos. Esses animais estavam inseridos nos rituais também como matéria prima de instrumentos musicais feitos de seus ossos e como arte plumária que era de uso exclusivo dos poderosos *pi'xonaq* (xamãs) para seus rituais. Os indígenas os mantinham perto criando alguns desde pequenos como animais de estimação, e eles não se afastavam das pessoas ainda que não fossem mantidos presos. Do interior de seus estômagos era obtido um pó que era utilizado para curar doenças abdominais, seu couro era utilizado para produzir bolsas e suas plumas adornavam o rosto dos indígenas que as usavam em perfurações embaixo dos lábios que os tornavam belos para os seus e assustadores para os outros (Rosso; Medrano, 2016, p. 26). O povo Mocovi (ou



Moqoit) conhecia o ciclo de reprodução do *ñandú*, de modo que obtinham ovos em abundância para consumo e para troca.

Essa relação de proximidade explica a presença da ave na cosmologia Moqoit, dado ao valor que demonstrava para a sobrevivência e a cultura dos povos indígenas da região do *chaco*. O que não se pode deixar de apontar é o modo como desapareceu em tão pouco tempo uma espécie tão importante para uma região tão vasta. Segundo Rosso e Medrano (2016), passamos de “la abundancia que tenía la especie en el pasado mientras que en la actualidad *R. americana* se encuentra en la categoría de “casi amenazada” de acuerdo a la UICN y las poblaciones silvestres pueden observarse sólo de manera dispersa”<sup>13</sup> (Rosso; Medrano, 2016, p. 25).

Chegamos ao cavalo, esse que é considerado um animal transformador de mundos. Sua introdução na pampa ficou marcada pela sua apropriação pelos pampeanos, que aprenderam a domesticar, montar e utilizar os animais nos seus deslocamentos e combates. Mas o cavalo não veio só. Foi trazido da Europa pelos colonizadores, espécie de besta invasora que em diferentes períodos da história provocou morte e destruição onde se instalava. Na pampa não foi diferente. As fronteiras, os tratados, as cercas das estâncias, as bandeiras de captura, as táticas de branqueamento, apagamento e etnocídio que já foram mencionadas caíram sobre essa terra “*como se caen las piedras / Aun las que tocan el cielo*”<sup>14</sup>.

A história do Rio Grande do Sul também passa, inevitavelmente, pela história da América Hispânica; em específico, pela colonização do estuário do Prata e adjacências. Nascem, com a região, dois outros símbolos da futura identidade gaúcha: a exploração do gado e o uso do cavalo. Espanhóis vindos das Astúrias teriam sido os responsáveis pela introdução dos animais no continente (Zalla, 2010, p. 9).

Em pouco tempo a “campina de escasso arvoredo” que era povoada por “guenoas” (outro nome por que eram conhecidos os Charruas) e “avestruzes” (na verdade emas, não havia avestruzes na América do Sul) como destaca Lessa *apud* Zalla (2010, p. 8) estaria tomada por estâncias de criação de gado e pastagens. Saltando mais ao futuro, também encontraríamos nelas homens e mulheres pretos trazidos do outro lado do oceano para serem explorados nas charqueadas. Um futuro ainda mais distante e habitado por espécies estrangeiras ainda estaria por vir, transformando o bioma em áreas entrecortadas de desertos verdes criados pela monocultura e pelos pesticidas.

Esse mundo modificado é o cenário do “centauro da pampa”, conceito que segundo Zalla (2010) representa “A idealização do gaúcho social da região da Campanha no Estado (fronteira com Uruguai e Argentina) e tem sua origem no romantismo literário do século XIX.” Nesse lugar, o cavalo e o gaúcho agora substituem os povos indígenas e o universo de saberes pertencentes às suas culturas e cosmovisões.

---

<sup>13</sup> A abundância que apresentava a espécie no passado enquanto que na atualidade a *R. americana* se encontra na categoria de “quase ameaçada” de acordo com a UICN, e as populações silvestres somente podem ser observadas de forma dispersa (Rosso; Medrano, 2016, p. 25, tradução nossa).

<sup>14</sup> Canção de León Gieco, “Cinco siglos igual”.



A ausência do *ñandú* e dos pampeanos é o resultado das múltiplas incursões exploratórias que descaracterizaram o bioma. É o produto da colonização, que cambia as epistemologias originárias e tudo que, material ou imaterialmente, remete a elas, como o nomadismo; o andar vago; o guiar-se pelas estrelas; as junções na beira do fogo; a colheita das ervas na luz da lua, pela disciplina do mundo do trabalho remunerado nas estâncias e pelo reduzido espaço no galpão de peões ou nas cozinhas das sedes das fazendas (no caso das mulheres). O gaúcho que se junta ao cavalo na alegoria idealizada pelo tradicionalismo é branco, é trabalhador e seu orgulho de ser da terra vem do ideário da lida braçal, do mundo do cumprir funções para o patrão, que é sempre outro, já que o gaúcho é empregado no campo alheio. O último e apurado elemento produzido pela pitoresca conformação entre natureza e sociedade da fronteira meridional não conhece sua origem étnica, não legará aos seus filhos nem o nome nem a língua de um povo que foi forçado a abandonar e esquecer em troca da existência indigna de camponês/subproletário explorado até as últimas forças.

Ao observar a imagem do fotógrafo uruguaio Fefo Bouvier em parceria com o artista Alfonso Rosso, fica clara a metáfora trazida pela paisagem noturna dominada pelo grandioso *ñandú* do céu em proximidade com a silhueta imponente que representa Micaela Guyunusa, a indígena Charrua que foi levada para Paris para morrer no horror que foram os zoológicos humanos<sup>15</sup>. Ambos foram extintos por causa da incursão do colonialismo. O *ñandú* perdeu seu espaço como “conector entre a vida cotidiana e outros planos cósmicos” (Rosso; Medrano, 2016), do mesmo modo que os povos que partilhavam com ele a natureza e a vastidão dos campos e dos céus meridionais.

Enquanto o *ñandú* estiver no céu e os descendentes dos povos originários estiverem na pampa será possível aprender sobre sua sabedoria e cultura, utilizando a pesquisa multidisciplinar, a literatura oral e a “arqueologia literária” que busca em livros, documentos e poemas desencavar a identidade indígena apagada pelo colonialismo. Atendendo ao chamado da Cacica Acuab, essa pesquisa tem intenção de construir um futuro no qual os descendentes dos pampeanos possam reencontrar a sua identidade e declarar que a presença Charrua e Minuano nunca foi extinta porque permanece no dialeto, nas vestimentas, nos costumes e no sangue de muitos gaúchos. Vive, resiste e retoma.

---

<sup>15</sup> Os Zoológicos humanos eram mostras realizadas com objetivo de exibir às sociedades europeias “pessoas ditas exóticas que, ao longo do século XIX se tornaram elaborados espetáculos primitivistas [...] estruturados na expansão do colonialismo” (Vieira, 2019, p. 18). Além dos Charrua, os Aruaque, Tupinambá e Krenak são citados pela autora como povos que tiveram membros capturados e expostos, na maioria das vezes na França. Maria Micaela Guyunusa foi vendida grávida e enviada para ser exposta em Paris juntamente com outros três homens Charrua (Arce Asenjo, 2007).



**Figura 3 – O ñandú no céu**



**Fonte:** (Bouvier; Rosso, 2023).



## Referências

ACUAB, C.; VICTORA, C.; LEITE, S. Nós somos os verdadeiros Charrua que não perderam o idioma, que preservaram a cultura. *In*: ROSADO, R. M.; FAGUNDES, L. F. C. (org.). **Presença indígena na cidade**: reflexões, ações e políticas. Porto Alegre: Gráfica Hartmann, 2013. p. 194-201.

AFONSO, G. B. Mitos e estações no céu Tupi-Guarani. **Revista Ciência & Cultura**, São Paulo, 2006. Disponível em:  
<https://revistacienciaecultura.org.br/?artigos=mitos-e-estacoes-no-ceu-tupi-guarani>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ANGATU, C. Decolonialidades indígenas. *In*: MESQUITA, M. R.; COSTA, F. A. (org.). **Psicologia política no Brasil e enfrentamentos a processos antidemocráticos**. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2019. p. 231-241.

ARCE ASENJO, D. Nuevos datos sobre el destino de Tacuavé y la hija de Guyunusa. **Anuario de Antropología Social y Cultural en Uruguay**, Montevideo, p. 51-71, 2007. Disponível em:  
[https://memoriacharrua.uy/wpcontent/uploads/2022/08/05\\_Nuevos\\_datos\\_sobre\\_el\\_destino\\_de\\_Tacuave.pdf](https://memoriacharrua.uy/wpcontent/uploads/2022/08/05_Nuevos_datos_sobre_el_destino_de_Tacuave.pdf). Acesso em: 18 nov. 2023.

BOUVIER, F. **Arco de la Vía Láctea en Verano**. 2020. 1 Fotografia. Disponível em:  
<https://fefobouvier.com/es>. Acesso em: 14 nov. 2023.

BOUVIER, F; ROSSO, A. **El Ñandú en la Vía Láctea**. 2023. 1 Fotografia. Disponível em:  
<https://fefobouvier.com/es>. Acesso em: 14 nov. 2023.

BRACCO, D. Charrúas, guenoa minuanos y rapto. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 24, n. 3, p. 379-389, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/hist.2020.243.04>

GIMENEZ, B. S.; LÓPEZ, A. M.; GRANADA, A. Astronomía aborigen del chaco: mocovíes I: la noción de nayic (camino) como eje estructurador. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2002. Disponível em: <http://fcaglp.fcaglp.unlp.edu.ar/~sixto/arqueo/scripta.htm>. Acesso em: 16 nov. 2023.

GOLIN, T. **O povo do pampa**: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2001.

LOCATELLI, A. **Formação do Rio Grande do Sul**. 1953. 1 Têmpera. Disponível em:  
<https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/formacao-do-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 14 nov. 2023.

LÓPEZ, A. M. Interculturalidad y educación astronómica: perspectivas desde el chaco argentino. *In*: ROS, R. M.; BELMONTE, J. A.; FABREGAT, J. (ed.). **Calidoscópio NASE de**



**experiencias en astronomía cultural:** arqueoastronomía y astronomía en la ciudad. Viena: NASE, 2018. p. 58-64.

LÓPEZ, A. M. Las texturas del cielo: una aproximación a las topologías moquit del poder. *In:* TOLA, F.; MEDRANO, C. (ed.). **Gran chaco:** ontologías, poder, afectividad. Buenos Aires: Rumbo Sur, 2013. p. 103-131.

ROSSO, C. N.; MEDRANO, M. C. El ñandú (rhea americana) y los guaycurúes en el siglo XVIII: un abordaje etnobiológico histórico en el gran chaco argentino. **Revista Chilena de Ornitología**, Santiago, v. 22, n. 1, p. 19-29, mar. 2016. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/46850>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SANTOS, A. L. M. **Nos rincões do Brasil meridional:** des-re-territorialização, subalternidade e r-existência na formação territorial da campanha gaúcha. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28400>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SEGATO, R. **Contra-pedagogías de la crueldad.** Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

TETTAMANZY, A. L. L.; PRITSCH, E. Fantasmas que escrevem: da rasura no sistema à criação multimodal pelos Kaingang e Mbyá-Guarani ao sul do Brasil. *In:* TETTAMANZY, A. L. L.; SANTOS, C. M. (org.). **Lugares de fala, lugares de escuta nas literaturas africanas, ameríndias e brasileira.** Porto Alegre: Zouk, 2018.

VIEIRA, M. C. **Figurações primitivistas:** trânsitos do exótico entre museus, cinema e zoológicos humanos. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.btdt.uerj.br/handle/1/17708>. Acesso em: 18 nov. 2023.

ZALLA, J. A conquista do “país da solidão”: Luiz Carlos Barbosa Lessa e a invenção do Rio Grande do Sul. **Fênix**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 1-21, 2010. Disponível em: <https://revistafenix.emnuvens.com.br/revistafenix/article/view/245>. Acesso em: 16 nov. 2023.

